

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CARINA JÉSSICA DE SOUZA

**BRASILEIROS NA ALEMANHA: UM ESTUDO SOBRE A
MIGRAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL**

Recife,
Dezembro de 2021

CARINA JÉSSICA DE SOUZA

**BRASILEIROS NA ALEMANHA: UM ESTUDO SOBRE A
MIGRAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Bezerra de Andrade.

Recife,
Dezembro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- D278b de Souza, Carina Jessica
BRASILEIROS NA ALEMANHA: : UM ESTUDO SOBRE A MIGRAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL / Carina
Jessica de Souza. - 2021.
42 f.
- Orientador: Fabio Bezerra de Andrade.
Inclui referências e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em
Ciências Sociais, Recife, 2022.
1. Migração. 2. Integração. 3. Brasil. 4. Alemanha. I. Andrade, Fabio Bezerra de, orient. II. Título

CDD 300

BRASILEIROS NA ALEMANHA: UM ESTUDO SOBRE A MIGRAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL

Monografia aprovada em ____/_____/2021, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Nota _____ Prof.
Dr. Fábio Bezerra de Andrade

Nota _____ Prof.
Dra. Gabriella Maria Lima Bezerra

Nota _____ Prof.
Dr. Rodrigo Vieira de Assis

Agradecimentos

Primeiramente dedico essa monografia a minha mãe por todo seu esforço e companheirismo que me permitiu lutar pelos meus sonhos. Aos meus melhores amigos de infância, Emerson e Gabriella e aos amigos que conquistei durante a graduação por todo apoio emocional, por cuidarem de mim nos momentos que eu não conseguia cuidar de mim mesma e por me deixarem retribuir esse cuidado.

Agradeço também aos professores que me ajudaram a crescer, que me apoiaram e que admiro profundamente. Em especial, ao Professor Rodrigo, sua paixão pela sociologia, história de vida e sua humildade me inspiram profundamente como o tipo de pessoa que quero ser; com ele passei horas ouvindo tudo o que ele tinha para falar sobre Bourdieu, Lahire e um mundo de autores e de todas as pesquisas que poderia fazer. Ao maior professor surfista do DECISO, Maurício Sardá, que sempre foi muito atencioso com todos os alunos, apaixonado por seus estudos e que posso o considerar também como um bom amigo.

A professora Denise Botelho, por me ensinar que é de suma importância que alguém como eu (mulher negra, bissexual, pobre, de terreiro e com alguns transtornos psicológicos na conta) ocupe esse espaço epistemológico. Ao meu orientador Wilson Fusco, por ter me escolhido mesmo sabendo que não tinha nenhuma experiência com o tipo de pesquisa que ele trabalha e por ter me guiado por quase três anos, me ensinou que fazer pesquisa não é algo solitário, a aprender com meus erros e que ciência se constrói junto, sem batalhas de egos e é por toda sua paciência e cuidado que vou admirá-lo por toda minha vida. Ao meu segundo orientador, o professor Fábio, por sua sinceridade e disposição em compartilhar um pouco do seu conhecimento comigo e por nossas conversas ao telefone sobre vários temas das teorias sociais e árvores nos quintais. Aos queridos colegas do grupo de estudos ‘Observatório das Migrações em Pernambuco’, em especial ao colega Breno e sua esposa Val por terem me emprestado o livro ‘Contrastes e Contradições’ que foi fundamental para minha pesquisa. Assim como agradeço imensamente aos entrevistados pela confiança e disposição para participar desta pesquisa.

Por fim, agradeço ao melhor presente que minha experiência na UFRPE me proporcionou, aquela pessoa que posso afirmar com toda certeza que este trabalho não sairia e talvez teria largado o próprio curso se os nossos caminhos não tivessem se cruzado. Elisa é minha companheira de pesquisas e da vida (mas se a gente se separar eu vou fingir que nunca escrevi isso).

RESUMO

Ao abordar o fenômeno da integração social do migrante, focalizou-se a perspectiva dos sujeitos migrantes brasileiros que residem na Alemanha. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo compreender o cenário atual da população brasileira que atualmente reside na Alemanha, além de investigar o processo de integração social no país de destino e analisar suas perspectivas em torno das políticas de integração, ou da falta delas, a partir de suas experiências migratórias. Utilizou-se de metodologia quantitativa, com dados censitários divulgados pelo EUROSTAT, IBGE e Itamaraty, e qualitativa, com uso de dados primários produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Observou-se que a maioria dos sujeitos não possui cidadania alemã e nem de outros países que, em 2011, pertenciam à União Europeia. Os pontos em comum encontrados nas falas dos entrevistados foram a dificuldade para aprender a língua; o clima frio; e percepção do Estado Alemão enquanto forte e equilibrado economicamente.

Palavras-chaves: Migração, Integração, Brasil, Alemanha

ABSTRACT

When approaching the phenomenon of social integration of migrants, we focused on the perspective of Brazilian migrants living in Germany. In this sense, this paper aims to understand the current scenario of the Brazilian population currently living in Germany, in addition to investigating the process of social integration in the country of destination and analyzing their perspectives on integration policies, or the lack of them, based on their migratory experiences. We used quantitative methodology, with census data released by EUROSTAT, IBGE and Itamaraty, and qualitative methodology, with primary data produced through semi-structured interviews. We found that most of the subjects do not hold German citizenship or citizenship of other countries in 2011 that belonged to the European Union. The common points found in the interviewees' statements were the difficulty in learning the language; the cold climate; and the perception of the German State as strong and economically balanced.

Key Words: Migration, Integration, Brazil, Germany

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. MIGRAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS: DIFERENTES ENFOQUES.....	11
2.1 Abordagens teóricas em torno das migrações internacionais.....	12
2.2 A globalização neoliberal como fator push-and-pull das tensões migratórias.....	15
2.3 Integração social e a inclusão do migrante.....	18
3. COMPOSIÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA, DIMENSÕES POLÍTICAS E O SUJEITO MIGRANTE	21
3.1 Composição sociodemográfica dos brasileiros que residem na Alemanha.....	22
3.2 Dimensões políticas em torno da integração social na Alemanha: O que dizem os migrantes.....	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. BIBLIOGRAFIA	40
6. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	42

1. INTRODUÇÃO

A década de 1980 foi palco do surgimento de um processo de emigração de grandes contingentes de brasileiros para outros países, em grande parte devido à crise econômica que ocorreu na época (BAENINGER; PATARRA, 2006), constituindo-se como principais lugares de destino os Estados Unidos e o Japão (FUSCO, 2009). Passadas décadas nas quais o Brasil configurou-se como território expulsor de contingentes populacionais, atualmente o país é considerado tanto como lugar de emigração como de imigração, até mesmo com cenários inéditos, a exemplo da presença de asiáticos na Região Nordeste (FUSCO, 2018), em razão sobretudo das transformações econômicas locais. Essa questão migratória, por tudo que representa como processo social, passou a ser estudada por grande número de pesquisadores, os quais produziram vasto material desde então.

A certeza da importância do fenômeno, ratificada pela necessidade permanente de produção de informações quantitativas e qualitativas a respeito da emigração de brasileiros para o exterior, estimulou especialistas a adaptarem técnicas bem como a produzirem bases teóricas e metodológicas originais sobre migrações no Brasil, vindo a constituir um campo sólido de investigação científica.

A partir de técnicas indiretas para o cálculo do saldo migratório internacional, Carvalho (1996) concluiu que o país perdeu 1,8 milhão de habitantes via emigração para outros países entre 1980 e 1990, com maioria de homens nesse fluxo. Ao estimar o saldo entre 1990 e 2000, chegou-se ao saldo negativo de 550 mil pessoas, mais uma vez com maioria de homens (CARVALHO; CAMPOS, 2006). No entanto, é notório como recentemente o fenômeno migratório internacional registra também uma mudança no perfil dos migrantes, destacando-se uma participação crescente das mulheres nos deslocamentos, o que é conhecido na literatura como “Feminização da Migração” (MARINUCCI, 2007; COGO, 2017). Tais dados podem evidenciar uma mudança dos critérios analíticos do fenômeno migratório a partir da inclusão do enfoque de gênero como do perfil da mulher migrante, implicando a necessidade de investigações sociológicas de gênero para a compreensão das migrações internacionais a partir do Brasil.

Isto posto, o saldo migratório do Brasil constitui um dado importante, mas não o suficiente para que se conheça o contingente de emigrantes internacionais que partiram e suas

formas de integração na sociedade de destino. Informações que apontem características a respeito dos migrantes são relevantes e necessárias para que a produção científica sobre o tema elabore um cenário mais amplo e detalhado, pois compreende-se a migração como um fenômeno que engloba não só a mudança do espaço de vida, mas como ação em que os sujeitos se colocam em contato - e relação - com outros territórios, pessoas, culturas, valores, saberes e práticas sociais, criando inclusive novas barreiras e desafios aos migrantes, incluindo xenofobia enquanto recusa da integração social e a formação de não lugares, entre outras discriminações. Dessa forma, experienciam vivências distintas de relações de poder, identidades e papéis desempenhados durante o fluxo e nas suas relações familiares, moradias, acesso aos direitos básicos e no mercado de trabalho (MACHADO, 2002).

Os dados do Censo Demográfico de 2010, referente às pessoas que saíram do Brasil entre os anos 2001 e 2010, consta que dos 471.122 emigrantes, a Europa foi o destino de 54%, os Estados Unidos receberam 21%, e o Japão 6%. Se forem considerados somente os 28 países membros da UE, a participação foi de 53%, evidenciando esse conjunto de países como espaço preferencial de destino para os emigrantes do Brasil no período referido, com destaque para Portugal, que recebeu 26% do fluxo que se dirigiu à UE.

Tomando como base tais informações, reflexões e dados destacados, este projeto insere-se no contexto mais amplo do fenômeno da migração brasileira para a Alemanha. A escolha por delimitar a pesquisa para este país justifica-se pelos seguintes motivos: Em 2015, com a crise dos refugiados,¹ O número dos imigrantes na Alemanha ultrapassou dois milhões de pessoas, e como resultado, no ano seguinte (2016), 57% dos alemães nativos escolheram o tema da imigração como questão política mais urgente (LÖWY, 2015).

O histórico da nação alemã manchado pela busca da manutenção da homogeneidade étnica e cultural alimentou partidos populistas tanto no passado como no presente, o Partido Nacional Democrata, por exemplo, tem matriz neonazista que transforma e se aproveita do medo da imigração como ponto principal de sua plataforma. Assim como o partido ‘Alternativa para a Alemanha (AfD)’ inflama o debate da perda dessa pureza étnica com o discurso “mais filhos para as famílias alemãs” (MOUNK, 2018).

Apesar do fantasma do fascismo em seu passado e de suas tentativas de retomada, o

¹ A crise dos refugiados se deu a partir da Guerra Civil na Síria que teve início em 2011 quando a “Primavera Árabe”, movimento popular contrário aos governos totalitaristas do Oriente Médio e do Norte da África chegou ao país. Às principais cidades sírias foram sendo tomadas pelo conflito, inclusive a capital Damasco a maior cidade do país, Aleppo. O fluxo migratório de refugiados buscando asilo nos países da União Europeia levou a maior onda migratória e crise humanitária enfrentada pela Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

estado alemão se empenha para superar tais questões e atualmente se orgulha e se apresenta como cosmopolita, democrático, caracterizado pelo pluralismo étnico e de estilos de vida (como políticas avançadas de gênero e pela liberdade sexual). A integração tornou-se uma questão política central na Alemanha e é vista como uma tarefa de toda a sociedade, visando o aprendizado da língua, a integração na formação profissional, no trabalho e na educação, bem como a integração social. A meta é incluir as pessoas e possibilitar a sua participação na sociedade.

Para tal, é oferecido o curso de integração², formado por um curso de língua e um curso de orientação profissional. Embora ainda em estágio inicial a implementação de políticas e ações que inibam a violência, discriminação, racismo e xenofobia contra os imigrantes, demonstram a importância desses planos governamentais em torno da integração social, sobretudo enquanto políticas que se propõe a incorporar diversos grupos étnicos de emigrantes na estrutura social do país de acolhimento, se tornando assim parte fundamental da agenda internacional (FERNANDES,2014). Este é o cenário do país que possui a 5º maior comunidade brasileira no continente Europeu.

Leon Wieseltier, 1996 em *Against Identity* afirma que a maioria das nações europeias aspiravam a “uma união perfeita entre etnicidade, território e Estado”, é notório que o fluxo migração internacional em massa pode resultar em fortes tensões, ao longo da história das sociedades democráticas há o medo de que a voz de cidadãos nativos de uma nação possa se diluir em meio aos estrangeiros. Assim, não é de se surpreender que as forças políticas que se opõem com estridência à imigração tenham ganhado e ainda ganhem apoio nessas últimas décadas (MOUNK, 2018).

Portanto, as políticas de integração social destacam-se como um desafio de propor, articular e implementar propostas consequentes que estejam afinadas a um projeto de superação dos problemas atrelados à incorporação de outros povos com suas respectivas particularidades étnico-raciais e culturais e vislumbrar novos ideais. Ao levantar o debate destas questões na esfera pública contribui-se para os alargamentos dos sentidos de democracia, equidade e justiça social, noções sobre as quais gênero, raça e cultura impõem-se como parâmetros inegociáveis para a construção de um novo mundo.

Dessa forma, para alcançarmos nosso objetivo de analisar e investigar aspectos da

² Em 2018 foi lançado o Plano de Ação Nacional que tem como objetivo a construção de um roteiro de integração para a década de 2020. O projeto conta com a participação de cerca de 300 parceiros, que representam estados, cidades e aproximadamente 75 organizações de migrantes. Em sua essência, os 100 pontos se dividem em cinco categorias, que vão desde medidas de pré-integração, como definir expectativas antes de uma pessoa imigrar para a Alemanha, até reforçar a coesão social por meio da educação e de atividades sociais.

integração social de migrantes brasileiros na Alemanha em torno de fatores socioeconômicos (como escolaridade, ocupação, composição familiar/ de moradia, local de residência e renda), políticos (acesso à direitos e políticas públicas) e demográficos (cor/raça, idade, gênero, sexualidade, tempo de migração etc) iremos (1) elaborar um perfil dos migrantes brasileiros na Alemanha, obtido a partir dos dados censitários colhidos no Eurostat; (2) Averiguar as condições socioeconômicas desses migrantes a partir da amostra dos sujeitos migrantes brasileiros na Alemanha que foram entrevistados e, por fim, (3) Analisar as percepções dos migrantes brasileiros em torno das políticas de integração social direcionadas ao emigrante na Alemanha.

O contingente de imigrantes brasileiros em países Europeus e os complexos impactos gerados por esses deslocamentos atingiram um grau suficientemente significativo para gerar o interesse da comunidade científica, tanto europeia quanto brasileira, para a análise desses perfis e suas realidades de integração. Para fins deste projeto, daremos enfoque à comunidade brasileira na Alemanha, que, segundo os dados do Itamaraty (MRE, 2020), é o país que contém 144.120 mil brasileiros registrados nos consulados brasileiros de Berlim, Frankfurt e Munique. Isto posto, a questão norteadora para esta pesquisa é, a partir da experiência migratória, qual é a percepção de brasileiros que residem na Alemanha acerca da política de integração social do país?

2. MIGRAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS: DIFERENTES ENFOQUES

Nesta seção iremos, a princípio, nos debruçar sobre aspectos teóricos em torno do fenômeno das migrações internacionais, a partir de uma percepção sociológica, econômica e demográfica. Examinou-se aqui alguns dos principais enfoques e perspectivas que têm pautado o debate contemporâneo sobre o tema da migração internacional e das teorias que visam explicitar os motivos que levam à migração e permitem sua perpetuação, sejam resultado de estruturas econômicas, sociais e políticas do capitalismo que impulsionam e determinam os fatores de atração e repulsão em escala mundial, bem como as vontades e escolhas individuais. Usa-se para tal, autores como Peixoto (2004), Firmeza (2007), Massey (1993), Ravenstein (1980) e Lee (1980).

Em seguida trataremos dos temas da globalização e do neoliberalismo a fim de demonstrar a importância da discussão destes temas ao tratar da realidade atual e, sobretudo, construir um cenário mais completo da imigração internacional, tendo em vista que estes dois

fenômenos impactam profundamente nos fluxos migratórios, na organização do trabalho e no surgimento de conflitos sociais, assim, nos embasaremos por autores como Boaventura de Souza Santos (2005), Dardot (2016), Ianni (1994) e outros.

Por fim, a partir de Machado (2002) e Almeida (1993) e Habermas (1996) como principais bases teóricas, iremos investigar as diferentes perspectivas em torno do conceito de integração social. A partir linhas distintas, focalizando os principais temas de minorias, etnicidade, participação social igualitária e da preservação de identidades étnicas no processo de integração do sujeito migrante para a aquisição da cidadania e os direitos que dela recebem.

2.1 Abordagens teóricas em torno das migrações internacionais

O sociólogo João Peixoto (2004) aponta que apesar do o tema da migração possuir grande importância para a organização social desde final do século XIX e início do XX - através das movimentações do campo para a cidade ou da saída de um continente para outro através da colonização - na sociologia este tema não foi muito explorado enquanto problema social que é, em detrimento de temas como trabalho ou educação. O autor aponta que o tema se tornou mais próximo de outras áreas de estudo, como da geografia, no entanto estes estudos (geográficos) de muito beberam de teorias das ciências sociais. A leitura sociológica da migração, historicamente, possui uma visão dual, entre uma ideia estruturalista - pensando nas relações entre forças sociais e comportamentos individuais, como a perspectiva de Durkheim - e na linha de pensamento que abrange a ação social, como explicou Weber.

E. G. Ravenstein (1980) e Everett S. Lee (1980), autores clássicos da geografia e demografia, primaram seus estudos em torno das características e escolhas individuais. Possuindo como base os estudos de Ravenstein, Lee propôs um estudo que envolvia a atenção para um conjunto de fatores negativos e positivos nas áreas de origem e de destino, um conjunto de obstáculos intervenientes e uma série de fatores pessoais, sendo estes os fatores de atração, como ofertas de melhor remuneração salarial, emprego; e fatores de repulsão como desemprego.

Na literatura das teorias econômicas, por sua vez, como afirmam Massey et al (1993), muitas vezes apresentam conceitos divergentes entre si e que sozinhos não dão conta de explicar a constante ocorrência do processo de migração. A macroteoria neoclássica, por exemplo, supõe que os movimentos migratórios se devem às diferenças de níveis salariais entre os países. A decisão de migrar resultaria do cálculo entre o custo e o benefício da experiência migratória. O

migrante apostaria na sua capacidade de gerar maiores rendimentos no futuro, mesmo que para tal seja necessário incorrer em custos elevados no curto prazo, como os relativos à própria migração e à instalação no país de destino.

Já a chamada nova economia da migração aponta os limites das proposições neoclássicas. A unidade de análise não seria o indivíduo, mas sim, as famílias, domicílios ou outras unidades de produção e consumo culturalmente definidas. Desse modo, as migrações funcionariam como forma de obter recursos para uma variedade de situações: compensação por colheita mal-sucedida; recursos para financiar o desemprego ou a aposentadoria de membros da família; capital necessário para aumentar a produtividade da unidade de produção familiar. (FIRMEZA, 2007 p.191).

George Torquato Firmeza (2007) trata ainda da teoria do mercado segmentado, que fala sobre demanda por mão-de-obra estrangeira que passou a crescer cada vez mais, sobretudo nos chamados países desenvolvidos, onde, muitas vezes, há políticas governamentais que objetivam atrair mão-de-obra qualificada. No entanto, mão-de-obra não qualificada também se demonstra importante para essas economias. Empresas de construção, hotelaria e setores industriais, por exemplo, que não possuem a opção de realocar seus trabalhadores para o exterior acabam por optar pela cooptação de trabalhadores migrantes não qualificados. Nesta teoria se destaca a relação do trabalhador nativo e do migrante, que se complementam. O trabalhador nativo ocuparia o mercado de trabalho primário, aquele que necessita de alta qualificação e, portanto, oferece melhores salários e grande possibilidade de ascensão. Já os trabalhadores migrantes ocupariam o mercado de trabalho secundário, aquele que não exige alta qualificação e em razão disso oferecem salários e oportunidades de ascensão menores. O autor afirma ainda que depois de iniciada, a migração tende a continuar por meio de informações disseminadas por redes sociais e familiares. (FIRMEZA,2007).

Focalizando o fenômeno da globalização - temática que nos debruçarmos de forma mais aprofundada no tópico seguinte - sobrevém a teoria do sistema-mundo (WALLERSTEIN, 1979 e 1986) que pretende analisar a formação e consolidação do sistema capitalista de produção que hoje dita a economia mundial. Essa teoria pressupõe a existência de um centro e, por conseguinte, uma periferia e uma semiperiferia, resultando, assim, na existência de economias centrais que movimentam e determinam a divisão do trabalho em escala mundial. A existência de países desenvolvidos e subdesenvolvidos resultaram na criação de uma mão-de-obra dualizada; entre profissionais “de topo” para setores de gestão e trabalhadores de menor qualificação para o setor de serviços (sujeitos à economia informal) excedente nesses países

que muitas vezes se veem atraídos aos países desenvolvidos. Pode-se perceber que, nesse pensamento, são forças econômicas estruturais que geram o movimento de migração. (FIRMEZA,2007; DOS SANTOS,1998)

Esta teoria, conforme Peixoto (2004), focaliza a ideia de “mercado de trabalho global” pensando em importantes fluxos de trabalho que acabam por ser responsáveis por boa parte das migrações internacionais. Os movimentos migratórios seriam engatilhados por “zonas salariais” diversas. Com a existência de mão-de-obra excedente nos países ditos periféricos, em um cenário de baixos salários, surge a busca por melhores condições em países desenvolvidos. Essa leitura, tendo apenas o viés econômico como fator primordial que gera o movimento migratório, apesar de importante, está longe de ser suficiente. A criação de centros e periferias onde os mesmos continentes que outrora dominaram, colonizaram e exploraram os continentes tachados como periferias, num passado imperial não tão distante, não deve ser ignorado nos estudos em torno das migrações internacionais, visto que é pela exploração e manutenção de poder político, econômico e cultural que levam o migrante (qualificado ou não) à decisão de deixar seu país periférico de origem para um outro país central/desenvolvido que ofereça melhores salários, perspectivas de carreira e condições de vida melhores.

Peixoto (2007) pontua que estas teorias a respeito do tema da migração podem ser também duais, possuindo um caráter micro e macro sociológico: o tipo micro é aquele que envolve o processo racional de tomada de decisão enquanto o macro trata das forças (pela ação de fatores coletivos e/ou estruturantes) que impulsionam o movimento migratório. As interpretações micro e macro possuem pontos convergentes e divergentes entre si, de modo geral, entendemos que a ação de agentes estruturadores e a ação/ decisão individual são ambas importantes para a decisão, a premência e a perpetuação do processo migratório.

Em “Some sociological aspects of migration” Clifford J. Jansen (1969) ressalta a importância do caráter interdisciplinar nos estudos acerca da migração, contemplando como cada área das ciências sociais (incluindo as áreas pertinentes às ciências sociais aplicadas) lida com este fenômeno:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social

e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração e, em contrapartida, afetam o migrante (JANSEN, 1969, p. 60).

Dessa forma, podemos perceber a não centralidade da migração nas ciências sociais a partir de uma leitura crítica das diferentes interpretações do papel do movimento migratório (seja ele internacional ou não) na história da sociologia, economia, geografia e demografia. É importante ainda compreender as estratégias de migrantes e não migrantes - incluindo os vários atores envolvidos direta ou indiretamente com os fluxos migratórios - diante dos processos de migração, voluntários ou estruturalmente forçados (PEIXOTO, 2019). No tópico seguinte nos propomos a analisar o neoliberalismo como força sociopolítica e econômica impulsionadora do fenômeno da globalização, para então, pensar a construção histórica desses fatores e sua influência nos fluxos migratórios internacionais.

2.2 A globalização neoliberal como fator push-and-pull das tensões migratórias

Na década de 1970, a partir da intensificação das interrelações transnacionais nos setores financeiros e de comunicação, desencadeou-se um processo complexo que engloba esferas sociais, culturais, religiosas, econômicas e políticas conhecido como globalização. Esse fenômeno provocou mudanças também nos campos relacionados a:

[...] espaço e tempo, sincronia e diacronia, micro e macro, singular e universal, individualismo e holismo, pequeno relato e grande relato. São questões que se colocam a partir do reconhecimento da sociedade global como uma totalidade complexa e problemática, articulada e fragmentada, integrada e contraditória. Simultaneamente às forças que operam no sentido da articulação, integração e até mesmo homogeneização, operam forças que afirmam e desenvolvem não só as diversidades, singularidades e identidades, mas também hierarquias, desigualdades, tensões e antagonismos. São forças que alimentam tendências integrativas e fragmentárias, compreendendo nação e nacionalidade, grupo e classes sociais, provincianismo e regionalismo, localismo e cosmopolitismo, capitalismo e socialismo. (IANNI, 1994, p.156).

Segundo Ianni (1994) o processo de globalização está intensamente ligado a teoria neoliberal, que se baseia em um modelo de acumulação em escala global, acentuando os níveis de desigualdade e estimulando a dominação de mercados, através de multinacionais e agências financeiras provenientes de países centrais que, por consequência, acabam por minar a autonomia de países periféricos através de, por exemplo, redução da regulação estatal na economia. Ainda sobre o fenômeno da globalização, Boaventura de Souza Santos caracteriza como resultados deste processo:

[...] a eliminação do comércio de proximidade; criação de enclaves de comércio livre ou zonas francas; desflorestação e destruição maciça dos recursos naturais para pagamento da dívida externa; uso turístico de tesouros históricos, lugares ou cerimônias religiosas; artesanato e vida selvagem; dumping ecológico ('compra' pelos países do Terceiro Mundo de lixos tóxicos produzidos nos países capitalistas centrais para gerar dívidas externas); conversão da agricultura de subsistência em agricultura para exportação como parte do 'ajustamento estrutural'; etnização do local de trabalho (desvalorização do salário pelo facto de os trabalhadores serem de um grupo étnico considerado 'inferior' ou 'menos exigente'). (SANTOS, 2005, p.66).

Dardot e Laval (2016) afirmam que o neoliberalismo é uma construção histórica estratégica, tendo como base teorias liberais clássicas, sobretudo, a ideia de liberdade e a concepção do mercado centrado na concorrência, alinhado particularmente no spencerismo da segunda metade do século XIX. Eventualmente, o ideal de concorrência bem como o de liberdade transborda para outras esferas sociais se tornando o princípio central da vida social e individual, atingindo até mesmo a contratilidade do Estado que passa a competir com todos os outros agentes econômicos privados. Os autores nos dizem ainda que foram os próprios Estados e organizações econômicas mundiais que, em conjunto com atores dos setores privados, favoreceram a rápida implementação deste modelo em escala mundial, gerando transformações:

A construção europeia ('a ordem da concorrência livre e não distorcida') conduzem a assimetrias cada vez maiores entre países mais ou menos 'competitivos'. Porque é exatamente o imperativo da 'competitividade', enaltecida por toda a parte como o único 'remédio', que explica a especificidade da atual crise europeia. [...] todo país-membro é livre para usar o 'dumping fiscal mais agressivo a fim de atrair as multinacionais e os contribuintes mais ricos, é livre para diminuir os salários e a proteção social a fim de criar empregos à custa de seus vizinhos, é livre para tentar baixar os custos de produção deslocando toda ou parte de sua produção e é livre para reduzir as despesas públicas, inclusive com saúde e educação, a fim de reduzir o nível dos descontos compulsórios. (DARDOT; LAVAL, 2016, posição 245).

Sobre os impactos desta organização, Boaventura de Souza Santos (2005) pontua que alguns dos impactos políticos e econômicos são a abertura das economias nacionais ao mercado mundial, a prioridade à exportação; as crescentes privatizações; a redução dos investimentos em políticas sociais, etc. Este cenário resulta na atual crise em escala mundial, classificada por Dardot e Laval (2016) como a crise do neoliberalismo enquanto forma de governo. Segundo o autor, a crise mundial que se iniciou no ano de 2008 não é apenas econômica: "Considerada isoladamente, [...] pode aparecer como uma espécie de réplica atrasada da crise dos subprimes, uma transição entre uma crise da dívida privada e uma crise da dívida pública [...] Mas essa visão é estreita, ou mesmo enganosa." (posição. 335)

A crise de 2008, assim como outras que se seguiram, seriam, portanto, resultado de um governo, de economias e, de modo geral, de uma sociedade baseada no ideal neoliberal de generalização do mercado e de extremo incentivo à concorrência. Foram medidas como, por exemplo, o aumento de riscos econômicos e a disseminação destes em diversos setores de economia para que assim, fosse possível a geração de grandes lucros com base na economia especulativa. (DARDOT; LAVAL, 2016).

No entanto, para entendermos como os ideais do neoliberalismo alcançaram espaço nos mais diversos países precisamos nos voltar para o ano de 1989 quando, na capital dos EUA, aconteceu o encontro “Consenso de Washington”, organizado pelo Institute for International Economics, que contou com a presença de instituições internacionais como Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial além de representantes do governo norte-americano. As reformas econômicas lá oficializadas visavam ações como abertura econômica e comerciais, o incentivo a políticas de privatizações, reformulação fiscais etc. Essas medidas não eram uma novidade, visto que os países “centrais” já recomendavam algumas dessas medidas desde dos anos 70, o FMI e o Banco Mundial já demandavam a adoção de boa parte das medidas de flexibilidade nas ações de cooperação econômica e na concessão de empréstimos.

O acordo que afirmava visar pelo desenvolvimento socioeconômico de países da América Latina uniformizou ainda mais o globo - desta vez focalizando especialmente nos chamados países de terceiro mundo - em uma visão de mercado mundializado. Esta medida, nos diz MATTOS (2008), é um projeto político de uma classe específica, pois mesmo que o debate ideológico de neoliberalismo tenha sido tratado como medidas técnicas, não se pode afirmar que esta é uma vertente “politicamente neutra” já que se caracteriza enquanto um projeto político que defende os interesses do capital e atua na redução de direitos sociais e trabalhistas além de costumar deslegitimar ações coletivas que se formem para além dos limites da democracia representativa, como coalizões sindicais; Ou ainda o temor à participação popular no processo democrático burguês, defendendo largamente uma divisão entre Estado e sociedade civil. O autor nos lembra ainda que o neoliberalismo não defende o fim da intervenção do Estado na economia, mas, por sua vez, trabalha para que o Estado garanta cada vez mais a continuidade das relações de produção capitalistas.

Na Alemanha, foco de nosso estudo aqui, o governo tentou impulsionar um milagre econômico no pós-segunda guerra mundial, período também em que se formaram forças políticas neoliberais no país, sobretudo após a queda do muro de Berlim. Neste contexto foram abertas diversas vagas para trabalhadores não qualificados de outros países como da Grécia, Itália e Turquia. É sabido o aumento da entrada de imigrantes no país, os conflitos sociais e

culturais gerados em país central que apesar do histórico apego aos naturais da nação para lidar com a necessidade de mão de obra, mas que teme pelo excesso desses estrangeiros decidirem permanecer no país. A relação de um país central com uma economia forte e tão forte quanto ela é seu apego à nação somada à competitividade neoliberal que domina a Europa, se faz necessário discutir acerca da integração social.

2.3 Integração social e a inclusão do migrante

O tema da integração é de grande importância seja no âmbito das agendas políticas como também se optarmos por nos debruçar sobre as opiniões públicas das sociedades receptoras de migrantes. O conceito de integração é trabalhado por três linhas distintas, mas sobrepostas. A primeira parte das formulações durkheimianas (em *A divisão do Trabalho Social* e *O Suicídio*), passa pelo estrutural-funcionalismo de Parsons e Merton e pode ser encontrada no trabalho de teóricos atuais como Habermas ou Giddens; a segunda vertente se desenvolve em torno e em contraposição ao conceito de exclusão; e a terceira possui atenção especial ao conceito de multiculturalismo (MACHADO, 2002).

Durkheim vê nas corporações ou associações profissionais, mais do que no Estado, na família ou na religião, o elo que pode garantir a integração dos indivíduos numa sociedade em que a esfera econômica tem cada vez maior centralidade. Integrando os indivíduos no seu seio, as associações profissionais mediarão e garantirão a integração da sociedade no seu todo (DURKHEIM, 1989;1987). Há, no entanto, uma distinção entre integração social e integração sistêmica, sendo que a primeira diz respeito "às relações ordeiras ou conflituais entre os atores", e a segunda "às relações ordeiras ou conflituais entre as partes de um sistema social" (LOCKWOOD, 1964). A ideia básica é que, na mesma sociedade, o grau de integração pode ser diferente a cada um dos níveis, um baixo grau de integração sistêmica podendo coexistir com um grau elevado de integração social, ou vice-versa. (MACHADO, 2002).

Habermas (1996) em seu livro 'A Inclusão do Outro' aborda as questões ético-políticas e de identidade dos cidadãos em torno da construção da consciência nacional do Estado moderno, sobretudo do Estado Alemão. O autor afirma que gradativamente o status de 'cidadania' se tornou uma nova extensão da solidariedade mediada juridicamente que, não obstante, revela para o Estado uma fonte secularizada de legitimação. À aquisição do status de cidadão é, então, parte da regulamentação do Estado sobre os direitos da nacionalidade, ou seja, os direitos de integrá-lo.

O domínio estatal constitui-se nas formas do direito positivo, e o povo de um Estado é portador da ordem jurídica limitada à região de validade do território desse mesmo Estado. No uso político da linguagem, os conceitos 'nação' e 'povo' têm a mesma extensão. Para além da fixação jurídica, no entanto, 'nação' também tem o significado de uma comunidade política marcada por uma ascendência comum, ao menos por uma língua, cultura e história em comum. Um povo transforma-se em 'nação' nesse sentido histórico apenas sob a forma concreta de uma forma de vida em especial. (HABERMAS, 1996, p.124).

O autor problematiza a relação de poder político nas sociedades democráticas “desenvolvidas”; ou como o próprio autor as chama: de cultura majoritária; que impõe às “minorias” seus costumes e sua cultura no processo de inclusão da população estrangeira em busca do status de cidadania. Essa assimilação forçada da cultura majoritária em detrimento da cultura de origem do cidadão durante o processo de torná-lo um “igual” em seu modo de viver, práticas e costumes é evidentemente um problema nesse processo para efetivar a igualdade de direitos do sujeito estrangeiro que busca pelo status de cidadão. (HABERMAS, 1996)

Buscando refletir, sob um ponto de vista ético-cultural, acerca dos conflitos que surgem nas sociedades receptoras de migrantes, Habermas questiona se a larga entrada de migrantes “[...] não esbarra justamente no direito de uma coletividade política a manter intacta sua forma de vida político-cultural? E o direito à autodeterminação[...] não inclui o direito à autoafirmação da identidade de uma nação?”. Habermas busca pensar sob quais situações pode um Estado de direito democrático negar a cidadania a um migrante ou ainda como pode este mesmo Estado, visando a integridade de uma forma de vida normativa de seus cidadãos, exigir que o imigrante se assimile. (Habermas, 1996, pág. 257).

O sociólogo dirá que é preciso apenas desejar que o sujeito imigrante esteja disposto a aproximar-se da cultura do país de destino, mas sem, para tal, ter de renunciar sua própria cultura, o que, por seu lado, não pode consistir em uma assimilação coagida. Dessa forma, ao longo do tempo, nenhuma sociedade fica imune a alterações e mudanças que são resultado de ondas migratórias, assim, Habermas afirma que é necessária uma autocompreensão ético-política da nação como um todo pois é inevitável a mudança de sua população e, por conseguinte, de sua rede cultural (Habermas, 1996, pág. 258- 259).

Nos lembra ainda de um aspecto moral, ao trazer o fato de que muitos dos imigrantes não saem de seus países se não por motivos de grandes dificuldades ao dizer que:

Uma obrigação moral de proporcionar auxílio resulta especialmente das crescentes interdependências em uma sociedade mundial que cresceu tanto, com o mercado capitalista mundial e a comunicação eletrônica de massa, que as Nações Unidas acabaram assumindo algo próximo a uma responsabilidade política total pelo asseguramento da vida neste planeta. (HABERMAS, 1996, 258).

Habermas fala de um comprometimento moral com uma política liberal de imigração que receba e oriente o fluxo migratório, de acordo com a possibilidade e disponibilidade de dada sociedade. Como exemplo oposto a este ideal o autor traz o slogan "O barco está lotado" apresentado pela Alemanha no início dos anos de 1990, quando, com certeza, as possibilidades de recebimento de imigrantes nesta sociedade não haviam atingido o limite, acrescentando ainda que, demograficamente falando, as sociedades europeias seguem encolhendo, dessa forma é imprescindível para a economia destes países o aumento da população. (HABERMAS, 1996, p. 260-261).

O autor continua lembrando que países tidos como de 'Primeiro Mundo', que atualmente são destino de fluxos migratórios, possuem um histórico que, entre o período de 1800 e 1960, somaram cerca de 80% dos indivíduos em movimentos migratórios internacionais, ocorridos durante período de forte colonização de outros continentes, fenômeno que melhorou a situação dos países de origem desses imigrantes. Assim como, décadas depois, durante o período de reconstrução da Europa no pós-segunda Guerra mundial, ocorreu o fluxo inverso, de chegada de novos indivíduos, retomando assim a economia nesses países. Em resumo: de uma forma ou de outra a Europa foi beneficiada durante ambos os cenários de fluxo migratório. (HABERMAS, 1996, p. 260-262).

Se em uma determinada sociedade existem grupos - migrantes, por exemplo - em situação de exclusão, a sociedade no seu conjunto não está integrada. Portanto, uma sociedade integrada será aquela na qual não existem categorias sociais excluídas como bem aponta Almeida (1993) ao dizer que uma sociedade integrada é aquela onde há "pluralidade vasta, aberta e mutável de estilos de vida, todos partilhando a cidadania", ou seja, "conservando, aprofundando e exprimindo capacidades de escolha".

Por fim, trataremos da corrente multiculturalista e sua percepção sobre o conceito de integração. Pensando nos temas de minorias e etnicidade, essa vertente focaliza os temas de participação social igualitária e de preservação de identidades étnicas. O conceito de integração, dessa forma, entende que diferentes grupos étnicos sejam capazes de manter as suas fronteiras e individualidade participando de forma igualitária nos processos fundamentais de produção e distribuição de renda.

Machado (2002) afirma que para considerar uma sociedade devidamente integrada ela deve assegurar, simultaneamente, a diversidade cultural e igualdade de oportunidades; eliminar hierarquias étnicas que resultem em acesso diferencial a recursos escassos, mas mantenha, respeite e reforce as diferenças específicas de cada grupo étnico.

Vimos, portanto, que o processo de assimilação é incompatível com o de integração. Para os que pensam o multiculturalismo, toda a assimilação é forçada, resultando da imposição de uma cultura majoritária e dominante a uma ou mais culturas minoritárias. No entanto, é preciso reconhecer que populações migrantes protagonizaram, ao longo do tempo, processos de assimilação voluntária, envolvendo aquisição da nacionalidade do país receptor, casamentos com indivíduos do país receptor e trajetos de mobilidade ascendente, principalmente nas gerações dos seus descendentes. (MACHADO, 2002)

3. COMPOSIÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA, DIMENSÕES POLÍTICAS E O SUJEITO MIGRANTE

Segundo os dados do relatório da pesquisa intitulada ‘Comunidade Brasileira no Exterior’ do Departamento Consular do Ministério de Relações Exteriores de 2020, baseado nos dados dos brasileiros que são cadastrados nos consulados, a Alemanha continua como o 5º país da Europa com a maior população de brasileiros, com aproximadamente 144.120 pessoas. Estes sujeitos foram contabilizados a partir da jurisdição consular que se concentra em Berlim com 45.000, em Frankfurt com 48.120 pessoas e Munique com 51.000 indivíduos. No entanto, foi necessário buscar outras fontes de dados censitários para montar um cenário mais abrangente dos sujeitos migrantes, visto que não se pode afirmar que todos os migrantes estejam cadastrados nas repartições consulares do Brasil³.

Os dados a seguir foram obtidos a partir do serviço de estatísticas da União Europeia Eurostat⁴, que abrange diversos dados em torno da categoria ‘população e condições sociais’ e que mais nos interessam neste momento. Assim, elaborou-se a Tabela 1, que representa a distribuição da população de brasileiros nascidos no Brasil residentes em países da Europa, segundo o sexo do migrante. Pode-se perceber que Portugal, França e Reino Unido possuem maior número de pessoas do sexo masculino, enquanto Espanha, Itália e Alemanha apresentam em sua maioria pessoas do sexo feminino. Este dado é do censo de países europeus de 2011,

³ A Repartição Consular é uma representação do governo brasileiro diante das autoridades locais e da comunidade brasileira que reside na designada área de jurisdição. É papel do Consulado-Geral do Brasil prestar assistência consular aos brasileiros que residam na sua jurisdição ou que estejam de passagem pelo país; oferecendo o suporte para conceder vistos e prestar informações também aos estrangeiros que viajam ao Brasil. Esta atuação é estabelecida pelo Manual de Serviço Consular e Jurídico; no que convier a legislação alemã e também por convenções internacionais.

⁴ O Eurostat elabora a partir da colaboração com autoridades estatísticas nacionais da UE, definições, classificações e metodologias harmonizadas para englobar os dados estatísticos oficiais europeus e assim, disponibilizá-los gratuitamente aos decisores e ao público em geral através da sua plataforma online e de outros canais.

sendo o mais recente que existe na Europa, pois a nova rodada, de 2021, ainda não está disponível.

Tabela 1 – Países selecionados da Europa. Distribuição de nascidos no Brasil por país de residência, segundo sexo. 2011.

País de residência	Homens	Mulheres	Total
Portugal	27,4	23,6	25,2
Espanha	18,1	18,4	18,3
Itália	13,2	16,3	15,1
França	11,6	9,3	10,2
Reino Unido	10,9	8,5	9,2
Alemanha	7,0	9,6	8,6
Demais	11,9	14,2	13,3
Total %	100,0	100,0	100,0
Total (N)	214.704	340.562	555.266
Total %/Sexo	38,7	61,3	100,0

Fonte: Census Hub EUROSTAT. 2011. Tabulação própria.

Como o foco desta pesquisa é a Alemanha como destino, os próximos dados são referentes apenas aos sujeitos brasileiros que lá residem. Destarte, trouxemos a Tabela 2, que indica o número dos brasileiros migrantes a partir do período de chegada na Alemanha, uma vez que o censo alemão apresenta o recorte temporal a partir dos anos 2000 até 2011, e também os que chegaram antes de 1999, ou seja, a maioria de brasileiros migrantes chegou na Alemanha antes do ano 2000.

Tabela 2. Composição de número de brasileiros residentes na Alemanha por período de chegada no país.

Ano de chegada à Alemanha	Total
A partir dos anos 2000	19.590
Até o ano de 1999	25.180

Fonte: Census Hub EUROSTAT. 2011. Tabulação própria.

3.1 Composição sociodemográfica dos brasileiros que residem na Alemanha

A partir de dados do último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, do ano de 2010, elaborou-se a Tabela 3, referente à distribuição percentual dos brasileiros que residiam na Alemanha naquele ano, segundo sexo e grupos de idade. As mulheres correspondem a 65,9% e os homens a 34,1%, o que está de acordo com o processo de feminização das migrações apontado por Marinucci (2007) e Cogo (2017), referenciados anteriormente. As maiores concentrações dos emigrantes estão nas faixas de 25 a 29 anos, para os homens, e 30 a 34 anos, no caso das mulheres, com média geral de aproximadamente 20% em cada uma delas. Esse resultado evidencia que não há grandes diferenciais entre homens e mulheres na participação dos grupos em relação às idades predominantes. Cabe destacar que as idades são relativas ao momento do censo, o que pode ser diferente da idade ao migrar, a qual é uma informação não presente nos microdados do censo. A pequena quantidade de pessoas de 0 a 14 anos e de idosos está de acordo com o que se conhece sobre migração internacional por motivo de trabalho, na qual predominam jovens e adultos em idade ativa. A diferença entre a participação de homens e mulheres (quase o dobro de migrantes do sexo feminino) nesse contingente também pode indicar que essa migração não é predominantemente familiar.

Tabela 3. Distribuição percentual dos brasileiros residentes na Alemanha segundo sexo e grupos de idade. 2010.

Grupo de idade	Masculino	Feminino	% Grupo de idade
0 a 4	0,0	0,0	0,0
5 a 9	0,3	0,5	0,4
10 a 14	1,8	0,6	1,0
15 a 19	5,0	3,0	3,7
20 a 24	19,1	10,9	13,7
25 a 29	23,2	18,2	19,9
30 a 34	20,8	19,4	19,9
35 a 39	11,1	16,5	14,7
40 a 44	7,0	15,8	12,8
45 a 49	5,3	7,1	6,5
50 a 54	2,6	3,2	3,0
55 a 59	1,5	2,1	1,9
60 a 64	0,3	1,7	1,2
65 a 69	0,6	0,3	0,4
70 a 74	0,6	0,0	0,2
75 a 79	0,3	0,2	0,2
80 e mais	0,6	0,3	0,4
Total %	100,0	100,0	100,0
Total N	6.698	12.949	19.647
Total %/Sexo	34,1	65,9	100

Fonte: Microdados do Censo Demográfico IBGE. 2010. Tabulação própria.

A Tabela 4 traz a distribuição percentual dos brasileiros que residiam na Alemanha em 2011, ano do último census hub Eurostat, segundo sexo e grupos de idade. Da mesma forma que registrado pelo censo brasileiro, as mulheres são maioria, pois correspondem a 68,7% da população brasileira migrante, enquanto os homens representam 31,3%. As maiores concentrações dos emigrantes estão nas faixas de 25 a 29 anos (para os homens) e 35 a 39 anos (para as mulheres), com aproximadamente 15,6% e 15,5%, respectivamente. Apesar da ligeira diferença encontrada em comparação aos resultados do censo brasileiro com relação às concentrações por faixas de idade segundo o sexo, mantém-se o registro de que as migrantes do sexo feminino têm uma estrutura etária mais envelhecida que a dos homens. Esse resultado também reforça uma informação do que vimos no censo brasileiro de 2010 em relação tanto à pequena quantidade de pessoas de 0 a 14 anos que se mantém de acordo com o que se conhece sobre migração internacional por motivo de trabalho, da qual apenas predominam jovens e adultos em idade ativa. A diferença entre a participação de homens e mulheres se mantém e também reforça que neste contingente estes fluxos migratórios não são predominantemente familiares.

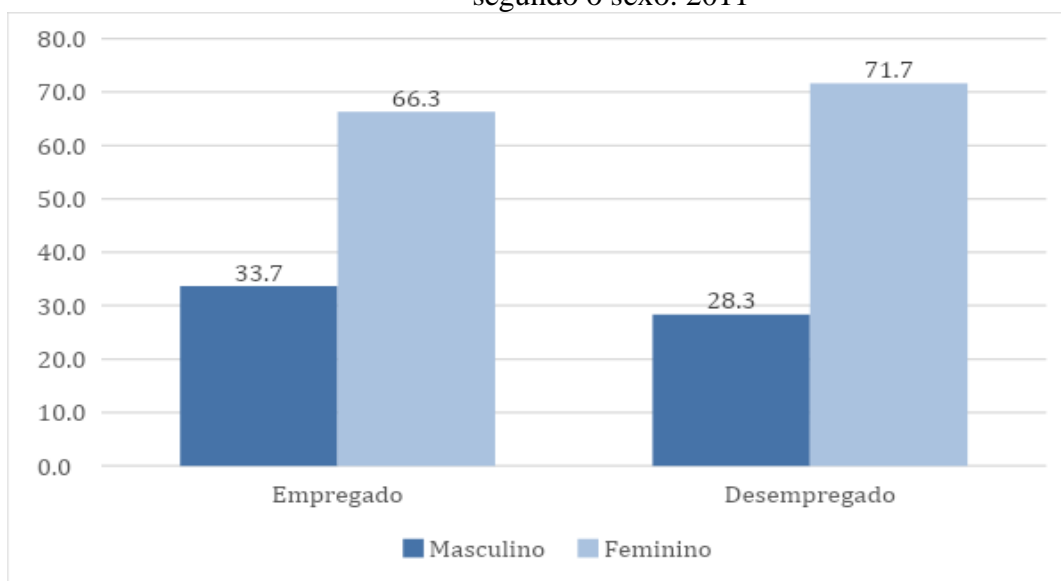
Tabela 4. Distribuição percentual dos brasileiros residentes na Alemanha segundo sexo e grupos de idade. 2011.

Grupo de idade	Masculino	Feminino	% Grupo de idade
0 a 4	2,3	0,9	1,3
5 a 9	3,4	1,8	2,3
10 a 14	6,7	2,4	3,8
15 a 19	7,6	4,1	5,2
20 a 24	12,7	7,1	8,9
25 a 29	15,6	10,3	12,0
30 a 34	10,0	13,5	12,4
35 a 39	7,4	15,5	12,9
40 a 44	6,4	12,8	10,8
45 a 49	6,4	10,0	8,9
50 a 54	5,9	9,2	8,2
55 a 59	4,8	5,4	5,3
60 a 64	2,1	2,4	2,3
65 a 69	1,5	1,6	1,6
70 a 74	3,3	1,1	1,8
75 a 79	1,9	0,7	1,1
80 e mais	2,0	1,3	1,5
Total %	100,0	100,0	100,0
Total N	14 910	32 680	47 590
Total %	31,3	68,7	100,0

Fonte: Census Hub EUROSTAT. 2011. Tabulação própria.

O número de brasileiros ativos economicamente na Alemanha em 2011 é de 27.860; destes, 91,4% estavam empregados, enquanto apenas 8,6% estavam desempregados. O Gráfico 1 traz a composição da população brasileira economicamente ativa de acordo com o sexo. As mulheres se destacam em ambos os resultados, sendo 66,3% entre o total de empregados, mas, por outro lado, são 71,1% dentre o total de desempregados. Este resultado pode ser um reflexo dos dados vistos na tabela acima, onde constatamos que migrantes do sexo feminino são maioria.

Gráfico 1 - Alemanha. Composição dos migrantes brasileiros economicamente residentes segundo o sexo. 2011



Fonte: Census Hub EUROSTAT. 2011. Tabulação própria.

A Tabela 5 demonstra a relação entre a situação documental dos migrantes brasileiros que residem na Alemanha em relação ao sexo. Destaca-se que aproximadamente 41% não possuem cidadania alemã, mas que há mais homens (51%) que mulheres (36%) nessa situação. Por outro lado, dentre os que possuíam cidadania de outro país da União Europeia (7%), os homens estavam mais representados. Por fim, a maioria dos migrantes (52%) possuía cidadania de um país de fora da União Europeia, o que permite supor que, dentre esses, predominam os que têm cidadania brasileira, já que todos os migrantes em análise nasceram no Brasil. O que nos leva a pensar quais poderiam ser as situações tanto dos sujeitos migrantes que residem no país por um longo período, mas não possuem a cidadania e conseqüentemente os direitos daqueles que são cidadãos naturais da Alemanha.

Tabela 5 - Status de cidadania de brasileiros que residem na Alemanha

Cidadania	Masculino	Feminino	Total %
Não possui cidadania alemã	50,6	36,3	40,8
Não possui cidadania alemã, mas possui cidadania de outro país da UE	9,5	5,7	6,9
Possui cidadania de outro país que não é membro da EU	39,9	57,9	52,2
Total %	100,0	100,0	100,0
Total N	14.910	32.680	47.590

Fonte: Census Hub EUROSTAT. 2011. Tabulação própria.

Com os dados trazidos acima é possível construir parcialmente um cenário da vivência de brasileiros que residem na Alemanha. Percebemos que, no que tange à temporalidade, a chegada dos migrantes brasileiros na Alemanha se deu, sobretudo, antes dos anos 2000, ou seja, há um estoque de migrantes com maior tempo de residência. Obtivemos um perfil de migrantes predominantemente feminino, na faixa entre 20 e 49 anos, em sua maioria ativos economicamente e empregados. Em relação ao status de cidadania, a maioria dos sujeitos não possui cidadania alemã e nem de outros países que, em 2011, pertenciam à União Europeia.

Por fim, destacamos as dificuldades de acesso a dados mais recentes e mais completos, principalmente através do Eurostat, visto que muitas informações referentes aos grupos familiares, renda, tipos de ocupação laboral e outros, não estão disponíveis para o livre acesso no caso específico da população migrante que vive na Alemanha. Refere-se ao sigilo das informações, pois uma população menor poderia ser identificada caso os dados fossem disponibilizados. Outras populações, como os turcos, por exemplo, possuem grande quantidade de informações disponíveis, bem como uma maior acessibilidade ao acesso destas. Destacamos, dessa forma, a importância de conhecer mais sobre a população brasileira que se encontra em grande quantidade na Alemanha.

3.2 Dimensões políticas em torno da integração social na Alemanha: O que dizem os migrantes

Nesta sessão iremos apresentar os dados recolhidos a partir da realização de três entrevistas semiestruturadas de forma remota, as ferramentas utilizadas foram as plataformas Zoom e Skype para entrar em contato com três sujeitos brasileiros que residem na Alemanha há mais de vinte anos. Nosso objetivo foi perceber de forma aprofundada a vivência desses

sujeitos enquanto migrantes brasileiros na Alemanha, entender sua percepção de integração social, observar seu acesso aos direitos no país receptor e compreender as mudanças em suas vidas a partir do processo de migração internacional.

Dois destes sujeitos foram selecionados a partir da pesquisa Migração de brasileiros para a Europa: estratégias de inserção social realizada neste ano pela discente no programa de iniciação científica da Fundação Joaquim Nabuco, onde desenvolveu-se um banco de informações que contém características mais gerais do indivíduo brasileiro que residem na Alemanha, a respeito de sua experiência migratória (etapas, temporalidade, motivos, estratégia familiar/individual, trabalho, estudo) gerado a partir da aplicação de questionários aplicados posteriormente para fins de um projeto de iniciação científica, por meio da plataforma Formulários Google (<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>). nas plataformas de redes sociais virtuais, tal como o Grupos de Facebook ‘Brasileiros na Europa’, que possui 8,1 mil participantes e através da técnica metodológica bola de neve pelos convites que foram enviados de uma pessoa para outra indicando o questionário, obtendo assim mais respostas.

A primeira entrevistada foi Sílvia, uma mulher negra de 53 anos que nasceu em Vitória - ES e vive na Alemanha há quase 25 anos. No Brasil se formou em Serviço Social e atuava concomitantemente em dois empregos. Conhecia alemães que viviam no Brasil e eventualmente, resolveu ‘dar uma olhadinha’ no país. Confessa que a princípio tinha uma visão do país muito baseada no período da Guerra Fria e pensava em como seria sua vivência enquanto mulher negra. Neste processo conheceu quem, em 1998, se tornaria seu marido, no ano anterior ao casamento, Sílvia se mudou definitivamente para o país.

Um ponto bastante interessante desta primeira entrevista foi a fala de Sílvia sobre seu trabalho enquanto Assistente Social na Alemanha. Nossa primeira entrevistada trabalha em uma espécie de “casa de apoio” que recebe adolescentes que possuem problemas com a família e também - sobretudo a partir do ano de 2015 - acolhe um grande número de jovens que chegaram ao país enquanto refugiados, vindos principalmente do Afeganistão e do Norte do Iraque. Sílvia explica que os jovens que chegam desacompanhados são encaminhados a estas instituições onde o foco é ensinar a língua e promover uma formação para inserção ao mercado de trabalho.

Algumas das dificuldades que surgem nestes cenários, segundo a entrevistada, são referentes à idade destes jovens acompanhados pela instituição, que muitas vezes são bem mais velhos, mas ao chegar sem documentos se apresentam enquanto menores de idade para assim poder ter apoio do Estado; tem-se ainda o preconceito religioso e o racismo que enfrentam na Alemanha, ou também o forte embate cultural, sobretudo daqueles oriundos países mais

conservadores e patriarcais. Houve a necessidade, por exemplo, de criar um curso de ‘boas maneiras’ para prevenir casos de violência sexual bem como outros embates destes jovens garotos em relação a papéis de poder desenvolvido por mulheres na sociedade de destino. Sobre estas dificuldades, Silvia nos diz:

Tem os problemas que você precisa enfrentar, em primeiro lugar a língua, se você tá sozinho tem a questão do isolamento, se você vem com a família, as famílias às vezes são numerosas ‘vou sustentar minha família? Como vou fazer isso?’ Os sonhos também, os projetos pessoais... A gente teve um crescimento muito grande de pessoas que já estavam traumatizadas da guerra e ainda tiveram estes conflitos [...] Oferece a segurança de não ter bombas, mas oferece também racismo, a sensação de não ser querido aqui. (SILVIA, 2021)

Neste período houve o aumento da mobilização de partidos contra a entrada de migrantes no país. Silvia diz que durante os anos de 2015 e 2018 havia a sensação de se estar em uma panela de pressão que poderia explodir a qualquer momento. Ainda sobre o tema do racismo, Silvia fala sobre sua experiência enquanto brasileira e negra na Alemanha e nos diz que enquanto se preparava para ir morar no país, seus conhecidos alemães no Brasil a alertaram a não frequentar certos locais da Alemanha enquanto tivesse o status de turista e não dominasse a língua, pois, naquele momento, num cenário de pouco tempo depois da queda do muro de Berlin houve uma acentuação de casos de racismo, principalmente contra negros e asiáticos. Mesmo assim, em 1993, ela foi visitar uma amiga em um destes locais onde havia conflitos, a cidade de Rostock, e diz que lá percebeu vários olhares e acrescenta que, por vim do Brasil sabe identificar bem estes olhares.

Silvia conta que fez parte do Movimento Negro no Brasil e mobilizava ações e discussões acerca de temáticas relacionadas ao racismo. Diz que seu conhecimento e experiência com o racismo no Brasil deram base para que ela lide bem com o preconceito racial na Alemanha e faz um paralelo de sua experiência com filhos de amigos que são alemães, vivem no país desde o nascimento, não possuem qualquer sotaque estrangeiro (diferente dela que tem um sotaque que torna perceptível sua identidade estrangeira) e mesmo assim sofrem preconceito por serem filhos de pessoas não brancas, sobretudo negras ou turcas. Diz que estas crianças que foram sempre integradas na Alemanha não conseguem compreender porque não são aceitas como tal.

Silvia aponta, no entanto, que o racismo não é um fenômeno alemão e sim mundial, diz que já sofreu racismo em vários outros países, inclusive no Brasil, e acrescenta que foi surpreendida positivamente com a representatividade multicultural na TV alemã; Lembra dos apresentadores dos jornais nacionais que são naturais de vários países, alguns deles são muito

reconhecidos no país; ressalta que os sotaques de seus países de origem são mantidos. Essa representação dos imigrantes também é forte na política, sobretudo no já citado Partido Verde⁵Silvia se diverte ao falar que o marido, na primeira vez que veio ao Brasil, ficou sem entender porque nas novelas brasileiras só se viam brancos.

Quando perguntada sobre as maiores barreiras em se inserir nessa nova sociedade, Silvia apontou a dificuldade com a língua bem como o clima do país. Estes dois pontos foram igualmente retratados por nosso segundo entrevistado, Carlos⁶, recifense de 56 anos, que após ser demitido, resolveu se mudar. Cogitou ir para o Estado de São Paulo, mas, por fim, resolveu ir para a Europa em busca do aprendizado de novos idiomas, bem como de conhecer novos horizontes, cidades e pessoas, além de ter a liberdade para viver sua orientação sexual de forma mais plena e segura. Sua chegada na Europa se deu através de Portugal, onde passou cerca de três meses. Apesar das boas experiências ao conhecer o país, novas pessoas e explorar a comunicação através do Inglês, a esfera do trabalho se demonstrava difícil, por isso, foi em busca de outros países e assim tentou a França e a Inglaterra, eventualmente, foi parar em Madrid onde, em 1991, conheceu um homem alemão que viria a ser seu marido, e assim foi parar na Alemanha. Este ano completaram 30 anos de relacionamento.

Ao narrar sua experiência migratória, Carlos enfatiza a dificuldade para se adaptar, avisa que para se integrar na Alemanha a pessoa precisa: "ter muita determinação, paciência, respeito pelas leis, nervos e ter muito peito". A regulamentação de sua documentação foi um dos processos ditos como mais complicados para Carlos, visto que apenas em 2003 ele conseguiu regularizar as demandas do governo alemão para sua permanência. Contudo, ele ressalta que sua experiência não é regra e para outras pessoas (como para as pessoas de classes sociais mais abastadas) esses processos burocráticos podem ser mais fáceis. Em 1993, por exemplo, apesar de seguir estudando para dominar o idioma do país, seu visto de permanência estava prestes a expirar, então Carlos teve de escolher entre: retornar para a Espanha; entrar em uma universidade ou casar-se oficialmente⁷ com alguém. Decidiu entrar para alguma universidade, mas para tal, precisou cursar o que na época chamou de "12º ano letivo" que serviria para entrar na universidade e cursar sociologia; foi aprovado, mas após dois semestres se desvinculou do curso e então casou-se com uma mulher. O peso do excesso de burocracia se manteve até que

⁵Aliança 90/Os Verdes Bündnis 90/Die Grünen.<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/verdes-crescem-e-se-tornam-terceira-maior-forca-politica-da-alemanha.shtml>

⁶ O nome 'Carlos' é fictício para manter a privacidade do sujeito entrevistado.

⁷ A união civil homossexual só foi legalizada na Alemanha em 2001. Dezesseis anos depois (2017) o projeto de lei que legalizou o casamento homoafetivo na Alemanha foi aprovado por 393 deputados e à contra-gosto da então primeira-ministra Angela Merkel.

finalmente conseguiu oficializar o casamento com o seu companheiro em 2003, para tal precisou entregar de dez a doze documentos, enquanto seu esposo alemão apenas precisou de três a quatro.

Ainda sobre o início do processo de integração, Carlos diz que a princípio não é interessante se aproximar apenas de brasileiros, mas sim, focar em se relacionar com alemães para treinar a língua - ponto parecido foi levantado por Silvia que citou a problemática da formação de 'guetos' de migrantes que vem de mesmo país, esses grupos muitas vezes permanecem entre si e acabam por não se integrar na sociedade. Carlos, por sua vez, segue contando que em seu primeiro ano na Alemanha estudava a língua todos os dias por quase quatro horas:

Depois de um ano minha cabeça tava tão cheia de informação! Por que em um período de 4 ou 5 anos eu aperfeiçoei o inglês, aprendi espanhol e comecei a aprender alemão. Então, foi um período de trabalho em todas essas línguas ao mesmo tempo, depois de um ano aqui a impressão que eu tinha é que se ouvisse mais uma palavra em alemão eu piro! (CARLOS, 2021)

Foi neste período, ainda em 1993, que ele e o marido decidiram passar uma temporada no Brasil e após o retorno Carlos conseguiu se comunicar apenas em alemão, desde então se comunicava primordialmente em inglês. Além do idioma, adaptar-se à forma como os alemães lidam com o trabalho, mais precisamente, como lidam com quem presta serviço para eles, é classificada por Carlos como muito fria e pontual. Contudo, ele acredita que essa pontualidade, perfeccionismo etc. é possível graças à situação econômica equilibrada do país:

Raramente você vê um alemão elogiar o trabalho aqui. Trabalhei 10 anos numa prestadora de serviço aqui e nunca recebi um elogio. A nível de trabalho são muito 'secos'. São muito perfeccionistas. Não é como nós do Brasil que temos muitos problemas financeiros... eles planejam bastante seu futuro. Não saem colocando pessoas no mundo facilmente sem responsabilidade. (CARLOS, 2021)

Em relação às políticas de assistencialismo da Alemanha e a participação política do migrante, Carlos faz um paralelo entre os direitos dos quais os cidadãos alemães possuem em contraponto com o que é assegurado para aqueles que possuem visto de residência e compartilha as particularidades do seu caso:

Quando a pessoa está desempregada na Alemanha pelo seguro desemprego número 1, automaticamente você tem seguro de saúde e aposentadoria paga. O seguro desemprego número 2 é bem menos dinheiro, mas não posso pedir o seguro desemprego número 2 pois meu marido tem uma renda equilibrada. Pago de forma livre o seguro de saúde e quando ganhava num empregozinho 200, 300, 400 euros e

tinha que pagar o seguro de saúde que custa 250 euros, mas não pago aluguel e consigo dividir as contas com meu marido. Não tenho o direito de votar, mas sei que tem pessoas que têm propostas para defender outros estrangeiros de votar. Até recebo convites para votar de pessoas que nunca vi na vida e que não conheço nada sobre, mas não posso votar, pois não sou alemão. Desde de que cheguei aqui, fiz o seguro de saúde. Antigamente você poderia ficar sem ter o seguro de saúde, mas tem também o caso social que ajuda em casos de operação, mas sempre prestei a atenção de estar assegurado, coisa que para brasileiros é mais difícil e tem que depender do SUS. (CARLOS, 2021)

É interessante como a percepção de Carlos complementa o relato de Silvia, que trabalha diretamente com os migrantes. Ela pontua que a integração de estrangeiros na Alemanha sempre teve boas políticas, mesmo elas não funcionando exatamente como foram idealizadas. À demanda por mão de obra é ressaltada por Silvia, que aponta como uma necessidade do país visto que a população alemã tem uma baixa taxa de natalidade e longa expectativa de vida: “É um país que pensa no futuro e sabe que em, sei lá, 30 anos, vão precisar de muitos médicos, enfermeiros, técnicos e etc. e sabendo que a taxa de natalidade alemã continua muito baixa então já há um incentivo à imigração.”. Também menciona a variedade de vistos: de estudante, trabalho e ainda alguns que ela não conhece, pois há diferenças em cada região e leis locais que vão de acordo com cada cenário e situação econômica das regiões⁸. Silvia pontua que as políticas de integração são fruto de uma idealização nacional e menciona a existência da Lei dos Estrangeiros⁹ que passou por uma modificação em 2005 e que há alguns artigos que complementam essa lei; ela frisa que a descendência é o fator que mais facilita o processo de integração.

Existem ainda formas de apoio como um curso diário de integração com duração de cerca de sete meses financiado pelo Estado para pessoas que vêm dos países membros do espaço Schengen ou para migrantes como ela que é casada com um alemão. Silvia diz que este curso funciona também para inserir o indivíduo no mercado de trabalho e incentiva pessoas estrangeiras a participar de coletividades, como grupos de esportes etc. Existem também projetos da prefeitura que buscam ajudar crianças estrangeiras/filhos de estrangeiros com o

⁸ Boa parte dos municípios têm conselhos de integração para representar os interesses políticos dos migrantes – que também podem ser chamados de conselhos de estrangeiros ou de migração. Seu papel é aconselhar os representantes políticos do município sobre todas as questões relativas aos migrantes e a integração. Algumas comunidades também possuem direito de petição e de intervenção. Além disso, podem ajudar os migrantes em diversas questões importantes, como as esferas sociais, culturais e de asilo. Estes conselhos de integração costumam ser eleitos pelos migrantes que residem no município. Ler capítulo o XIII, pág.136 em: https://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Integration/WillkommenDeutschland/willkommen-in-deutschland_pt.pdf?__blob=publicationFile

⁹A Lei de Cidadania é voltada para pessoas que foram perseguidas pelo regime nazista e também alemães que haviam perdido a cidadania por casamento com estrangeiros e seus descendentes, que poderão cobrar por este direito. Ler: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-expande-acesso-%C3%A0-cidadania-para-descendentes/a-58936477>

material escolar, pois muitos dos pais não dominam o alemão e isso dificulta a vida escolar da criança.

Silvia lembra também que quando se mudou para o país teve de ‘começar praticamente do zero’ pois na época não havia o Tratado de Bolonha¹⁰, assim teve de fazer uma equiparação do diploma para poder trabalhar enquanto assistente social no país. Levou cerca de 3 anos para fazer a equiparação. Ela decidiu não tentar obter a cidadania alemã porque na época, se a tivesse, perderia a cidadania brasileira; e, por sua vez, continuaria tendo o visto de permanência, mas consciente de que não poderia votar. Contudo, a partir do segundo mandato de Lula e o acordo entre a Alemanha e o Brasil possibilitou que o migrante brasileiro mantivesse sua cidadania brasileira após adquirir a alemã. Ela cita a fala do presidente Lula que afirmou: "Quem é brasileiro, é brasileiro" e que não teria "isso de perder a cidadania brasileira não". Afirma que se sente alemã, e diz que quando visita o Brasil por muito tempo sente falta da Alemanha. Não gosta de comparar os dois países; tem coisas que prefere no Brasil e coisas que prefere na Alemanha. Nasceu e viveu no Brasil por 30 anos e está há 25 anos na Alemanha, praticamente o mesmo tempo.

Silvia fala ainda dos perigos da não integração de estrangeiros, principalmente os que têm uma cultura mais conservadora e lembra que com a formação dos já citados ‘guetos’ chegam a ocorrer casos de violência extrema, por exemplo, recorda de casos onde meninas e mulheres chegaram a ser mortas por não se casarem com pessoas do mesmo grupo como desejavam os pais ou ainda por se adquirirem costumes da sociedade de destino e, tal como, “vestir-se como alemães.” Ao falar da cidade em que vive na Alemanha, Carlos também traz em sua fala problemas com migrantes:

Frankfurt é uma cidade muito cosmopolita, aqui tem em torno de 25 mil estrangeiros, também têm homofobia, não sofri exatamente, mas sei de casos de jovens que já foram atacados, mas é muito raro. O centro de Frankfurt era muito mais divertido alguns anos atrás, mas ficou não muito bem visto.. entrou muito estrangeiros... em 2015 entrou muito estrangeiro. Os ciganos, mendigos que dormem em portas de lojas... e isso era raro de encontrar quando cheguei em 1992. Ando nas ruas com mais cuidado. (CARLOS, 2021).

Em meio à fase exploratória da pesquisa, encontramos o Museu de Migração da Alemanha *Deutsches Migration Museum* que é uma instituição sem fins lucrativos registrada e reconhecida pelo governo alemão, lançado no mês de dezembro do ano de 2020, marcado pela

¹⁰Firmado em junho de 1999 na cidade italiana de Bologna entre os ministros da educação de 29 países europeus com o objetivo de fortalecer e fomentar a educação superior na Europa. Ler: https://ec.europa.eu/education/policies/higher-education/bologna-process-and-european-higher-education-area_pt

pandemia do coronavírus. A curadora e fundadora do museu é uma mulher brasileira, natural de Recife-PE, que mora na Alemanha há 32 anos. Entramos em contato com a equipe do museu através de e-mail e assim conseguimos entrevistar Suely Torres, gestora cultural, responsável pelo museu. Estudou letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestra em Literaturas e Culturas Latino-americanas e pela Freie Universität, FU Berlin e até o momento da entrevista, estava concluindo sua graduação em Antropologia Social e Cultural pela mesma universidade. A ideia para criar o museu de migração virtual surgiu de um incômodo que a mesma tinha em torno das frequentes abordagens sobre o tema:

Sempre me perguntei porque que museu de imigração é sobre sofrimento, as malas que carregaram, a família que perderam, é como assim os retirantes, como um problema. Eles entrevistam as pessoas na sua mais íntima situação, às vezes até de fragilidade. Então querem saber como que ela chegou aqui, porque que ela saiu de lá, onde estão os pais dela, se não sente saudades de lá, se o clima aqui não é frio demais para conviver, se ela não vai ter dificuldade com a língua e as dificuldades são dadas numa bandeja e a pessoa ainda pergunta e se você realmente acha que vale a pena o que você tá fazendo. Então esse tipo de perguntas não interessam ao projeto, não queremos fazer uma biografia. O projeto se interessa pela narrativa. (TORRES, 2021)

Suely também fala sobre a migração interna e sua primeira experiência como migrante quando saiu de Recife para estudar no Rio de Janeiro: “no Rio de Janeiro eu também não fui aceita 100% com o meu sotaque nordestino, então tive que mudar muito rápido para ser aceita.”. Ela acredita que se a migração não fosse lida como um problema seria um processo muito enriquecedor e positivo para ambos os lados (indivíduo e país de acolhimento). Sobre a sua inserção e as novas perspectivas que desenvolveu em torno do Brasil e Alemanha:

Eu também cheguei aqui sem dinheiro fui morar na casa de artistas chilenos, me deram o endereço que eu conheci no alojamento, então foi um pouco duro, mas eu era muito jovem então era também uma aventura e hoje eu vejo isso como uma coisa muito enriquecedora... Eu acho que todo mundo devia morar uns cinco/ quatro anos fora do seu país porque é um outro horizonte, uma outra forma de ver o seu país. Com essa distância, né?! Porque eu tô vendo o que tá se passando lá é muito interessante, quase como uma história contada, é uma narrativa problemática, mas que eu estou emocionalmente envolvida por pertencer a essa cultura mas eu tenho um certo distanciamento. E já posso comparar, por exemplo, com a cultura daqui. Então você começa a entender por várias perspectivas e eu acho isso incrível!.. Nem sei mais se pertencem ao Brasil, Recife, eu morei no Rio, aqui eu me sinto aqui, eu pertencem a isso aqui também, claro que quando eu vou pro Brasil quero comer Manga, Jaca, Feijoadada, mas é uma coisa mais de memória, de experiências, de coisas da infância e da vida que a gente adquiriu, da socialização. Mas como adulta fui também socializada aqui, então eu acho que tive dois períodos diferentes, duas socializações, e posso jogar com elas. Quando você pode ter essa possibilidade de ultrapassar o oceano e ser outra, e falar outra língua e entender os comportamentos, as regras daqui e as regras de lá. (TORRES, 2021)

Suely nos diz que como cresceu na ditadura aprendeu pouco sobre a história real do Brasil “porque fomos roubados dessa oportunidade” e que agora acompanhamos o mesmo processo em outros países na América Latina como Chile, Venezuela, Colômbia. Sobre a Europa, esses processos (guerra, ascensão do conservadorismo, governos autoritários etc) acontecem também, mas não são “tão drásticos” porque:

Há uma estabilidade econômica e do estado que no nosso não, quando isso acontece vêm várias crises porque já não temos uma estrutura. Na América Latina com essas condições que temos de colonizados, eles têm uma fragilidade quase eterna. Mas esses países ricos preferem mandar uma grana pra ajudar pra que fiquem lá!.(TORRES,2021)

É interessante a percepção de Suely sobre como o país a vê, ela diz que as pessoas que chegam e ficam são vistas como problema para o país receptor e, assim como os outros dois entrevistados, ela também afirma que essas pessoas nunca deixam de ser estrangeiras, descreve que a sensação é de “ter um carimbo de que é estrangeiro e que é uma sensação de estar sempre chegando”, uma sensação de não pertencimento.

Então é muito contraditório. eu digo que sou migrante e eu comecei a refletir isso há uns dez anos, que eu ocupo isso aqui, então assim eu não sou mais migrante, eu também tenho consciência de ocupação mesmo, eu vejo que tenho direitos aqui, direitos humanos, direitos sociais, direitos de tudo, e mesmo eu não tenho passaporte...em 2018 eu fiz um passaporte, mas eu tenho uma consciência do meu lugar aqui, do pertencimento e do não pertencimento também, que é me dito todo dia. Não diretamente, mas nos gestos você sabe [...] nada aqui pertence a ninguém na verdade, porque tem um desenho no mapa, que delimita o território, elas acham que “esse lugar é meu, eu falo a língua daqui e eu nasci nesse desenho aqui” então, é isso, as pessoas aprendem na escola que existe esse pertencimento e não questionam, que todas essas linhas aí se completam e não necessariamente elas separam. (TORRES,2021)

No que corresponde à integração Suely, assim como Silvia e Carlos menciona os cursos de integração e a existência de políticas públicas do governo alemão para apoiar o migrante em áreas como entrada na universidade, inserção no mercado de trabalho e a obtenção da devida documentação para cada caso, no entanto, ela explana que proposta de integração já vem sendo questionada pelos migrantes. Em suas palavras, diz que a integração: “é quase como realmente com um teor de assimilação e vocês vão aprender a conviver e ser assim. Isso ninguém tá mais aceitando há muito tempo, então assim há muitos debates, muitas discussões”. Integração teria um caráter de *ordem* e a proposta dos migrantes seria a substituição do termo *integração* por *participação*. A não integração - ou participação como sugere a entrevistada - é não sentida até mesmo por alemães que, antes da derrubada do muro, se encontravam do lado oriental da Alemanha, sobre a queda do muro Suely nos diz que:

[...] eu tava vendo muitas passeatas, muita gente foi presa, o muro histórico já tinha caído, então assim, já existia o projeto da união europeia, então como a Alemanha, uma das maiores potências iria ter um país dividido? Então de uma certa forma era só um teatro, eles argumentaram que estavam discutindo sobre essa possibilidade, “a partir de hoje o muro está aberto” e 9 de novembro, foi a data das noites dos cristais, que eles entraram e quebraram todas as janelas dos judeus e levaram para campos de concentração, então esse dia 9 de novembro era um dia terrível, então botando a queda do muro e a reunificação da Alemanha na mesma data já dá um equilíbrio entre as datas, então é uma história planejada, isso é uma discussão aqui. (TORRES, 2021).

Suely diz que 30 anos depois ainda é perceptível quem veio de qual lado do muro, nas roupas e no comportamento “mais simples”, visto que foram socializados sem ter tanto acesso às coisas e tão pouco a consumir demasiadamente. Também percebe que estes naturais da Alemanha oriental são mais conservadores, intolerantes as minorias como mulheres, negros e estrangeiros e que apesar deste cenário estar mudando um pouco ela menciona a uma onda de neonazistas e skinheads que está surgindo.

Por fim, Suely retoma que qualquer ser humano é um migrante em potencial e seu interesse em ouvir não só os que migram da América Latina para a Alemanha/Europa, mas todos aqueles que já tiveram alguma experiência migratória, com migrantes ou que desejam migrar e ressalta a importância e desejo de ouvir os alemães e europeus, visto que também podem ser migrantes e os que não são, certamente convivem ou já conviveram com migrantes. Ela diz que se uma pessoa cresceu em um bairro/apartamento repleto de migrantes vive uma experiência migratória singular, sem ter que se deslocar para outra cidade/país.

A partir das narrativas dos entrevistados em torno da questão de integração social do migrante podemos ver os contrastes e similaridades de suas experiências e como pontos trabalhados na literatura aqui utilizada estão presentes em suas falas. O trabalho é uma questão central nas políticas para a integração do migrante e aparece constantemente nas falas dos três entrevistados, vemos então que assim foi apontado na literatura através de Durkheim, os interesses das corporações têm um peso maior na integração do indivíduo na sociedade, ou seja, o trabalho é fator crucial para integrar o estrangeiro no país de acolhimento. Carlos nos traz um ponto de vista singular das outras entrevistadas, no sentido de que sua experiência migratória é marcada pelas dificuldades impostas pelo excesso de burocracia da Alemanha que atingiu várias esferas de sua vida e principalmente dos direitos de cidadão alemão dos quais ele ainda não goza, apesar de residir no país por trinta anos.

Por fim, percebe-se os efeitos das intersecções (raça e gênero) compostas pelos três indivíduos e como elas possuem grande impacto no processo de “integração”; Carlos como

homem não branco e homossexual enfrenta grandes barreiras para ser devidamente integrado, como quando teve que se casar com uma mulher mesmo estando em um relacionamento com o seu atual marido, para poder permanecer no país. É também interessante observar a assimilação não tão espontânea assim da cultura e da identidade nacional da Alemanha; eles possuem um sotaque que se distingue tanto no português quanto no alemão que reflete bastante sua constante posição de estrangeiro. Esse caráter híbrido da identidade construído no processo migratório é apontado por Silva e Suely que afirmam ser alemãs por viverem lá há tantos anos e possuem a cidadania do país; contudo, não assumem a identidade alemã por um todo, pois o que afirmam e apresentam é uma identidade híbrida composta pelos dois países.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou a questão da integração social dos migrantes brasileiros na Alemanha, portanto, tomamos o referencial teórico aqui utilizado como estrutura de suma importância para fundamentar as análises das informações coletadas, que apontam características a respeito do cenário político e econômico relevantes e necessárias para produção científica em torno da migração enquanto questão social. A priori, examinamos os principais enfoques e perspectivas que pautam o debate sobre o tema da migração internacional e as teorias que visam ponderar sobre os motivos que levam à migração e a perpetuação da mesma.

Vimos que o tema da migração tem caráter interdisciplinar, pois perpassa pela geografia, economia, demografia e sociologia; destaca-se aqui a contribuição sociológica para os estudos em torno da migração, visto que esta é uma questão social inegável que está presente durante toda a nossa história. Autores da demografia, como Ravenstein e Lee se debruçaram em torno das características e escolhas individuais em torno das motivações que contribuíram para os fluxos migratórios tanto internos quanto externos (internacionais). Enquanto autores das ciências econômicas e da sociologia como Massey et al (1993), (FIRMEZA, 2007) e (WALLERSTEIN, 1979) trataram os fatores estruturais no desenvolvimento econômico como foco principal das dinâmicas e tensões migratórias – como oportunidades de trabalho, desigualdades salariais, criação de centros e periferias globais e relações de poder intrínsecas desses processos. Pensamos, então, na dualidade do tema, que possui um caráter micro, através do processo racional da tomada da decisão, e macro, a partir, das forças da ação de fatores coletivos e estruturantes.

Em um contexto de crescente globalização neoliberal impulsionou-se também o fenômeno da migração, seja por indivíduos em busca de ascensão financeira através das esferas do trabalho e da educação, seja através das ondas de migração. Assim demonstra-se a importância do tema da integração social que, idealmente, tem a potência de contornar conflitos internos - entre migrantes e naturais - assim como garantir direitos para aqueles que por algum motivo escolhem ou são levados a sair de seu país de origem.

Retornando para os objetivos da pesquisa, nos propusemos primeiramente à montar um cenário socioeconômico e demográfico mais amplo a partir dos dados censitários do IBGE e do Eurostat, somado ao relatório sobre a comunidade brasileira no exterior mais recente (2020) do departamento consular do ministério das relações exteriores divulgado pelo Itamaraty. Porém, neste processo, destacamos as dificuldades de acesso aos dados mais recentes e completos, principalmente através do Eurostat, visto que muitas informações referentes aos grupos familiares, renda, tipos de ocupação laboral e outros, não estão disponíveis para o livre acesso, principalmente no caso específico de nosso interesse: a população migrante brasileira que vive na Alemanha. Alertamos aqui para a importância de acesso a estes dados não apenas para conhecer um pouco sobre a população migrante brasileira que lá reside há muitos anos quanto para o planejamento de possíveis políticas públicas voltadas para essa população.

Isto posto, os resultados que obtivemos com os dados disponíveis permitiram construir parcialmente um cenário da vivência de brasileiros que residem na Alemanha. Percebemos que, no que tange à temporalidade, a chegada dos migrantes brasileiros na Alemanha se deu, sobretudo, antes dos anos 2000, ou seja, há um número de migrantes com maior tempo de residência. Obtivemos um perfil de migrantes predominantemente feminino, na faixa entre 20 e 49 anos, que em sua maioria são ativos economicamente e empregados. Em relação ao status de cidadania, a maioria dos sujeitos não possui cidadania alemã e nem de outros países que, em 2011, pertenciam à União Europeia.

A última e mais importante parte deste trabalho se deu a partir da realização de três entrevistas semiestruturadas de forma remota com três sujeitos brasileiros que residem na Alemanha há mais de vinte anos. A partir das narrativas dos entrevistados em torno da questão de integração social do migrante podemos ver os contrastes e similaridades de suas experiências, assim como pontos em comum trabalhados na literatura aqui utilizada e em suas narrativas. Os pontos em comum encontrados nas falas dos três entrevistados foram a dificuldade para aprender a língua alemã, o que com o tempo se torna uma dificuldade para lembrar da língua de sua terra natal; O clima frio também foi apontado como um fator que causou grande desconforto nos primeiros meses de adaptação; O Estado alemão é percebido

pelos entrevistados enquanto forte e com uma economia equilibrada, por possibilitar uma sensação de segurança e estabilidade de vida para os alemães; Cursos de integração voltados para o aprendizado da língua e inserção no mercado de trabalho também foram mencionados por todos como medidas importantes para integração social no país.

Trazemos luz à importância de termos realizado as entrevistas, pois foi possível preencher lacunas que o formulário utilizado pela pesquisa anterior nos deixou. Descobrimos qual a atividade remunerada de Silvia (assistente social) e que ela trabalha diretamente com jovens migrantes refugiados, possuindo uma visão bastante ampla sobre o tema da migração. Também descobrimos as particularidades da experiência migratória de Carlos, que no formulário respondeu a boa parte das questões com a opção ‘outros’, nas entrevistas tomamos conhecimento de que muitas de suas dificuldades são sobre o excesso de burocracia do governo alemão, o que afeta sua vida enquanto migrante que reside na Alemanha por trinta anos e durante e possui um relacionamento homoafetivo.

A entrevistada Suely, nos trouxe a partir de sua experiência e suas percepções e indagações em torno do tema da migração um pouco da história do governo alemão que pode presenciar bem como seu trabalho que é um reflexo de tudo que faz parte de suas subjetividades. Ela, enquanto migrante, dedica seu tempo, seu olhar e sua escuta para dar voz outros migrantes (dos quais afirma que são todos aqueles que já migraram, querem migrar ou que convivem com migrantes, pois todos somos migrantes em potencial) e em seus relatos podemos ver ideias expostas em *a inclusão do outro* de Habermas em sua práxis, visto que elementos levantados por Habermas em sua obra foram vividos e são compartilhados por Suely. Ambos compreendem que a assimilação imposta – portanto, forçada - numa suposta integração social do migrante é cruel e que o ideal seria que o processo de integração e o acesso a direitos se dê sem que haja uma necessidade do migrante de abrir mão de sua cultura.

A guisa de conclusão, reiteramos a importância da discussão do tema que é de extrema importância e possui um teor bastante atual, visto que a discussão acerca da integração social do migrante não é só uma questão da Alemanha ou da Europa, mas sim uma questão mundial. Cabe também destacar a importância de um projeto futuro em torno das intersecções entre raça, gênero e classe e os impactos destes marcadores sociais no processo de “integração”, assim como também são desejados mais estudos em torno dos critérios necessários para o recebimento do status de cidadania de migrantes.

5. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de (1993), “**Integração social e exclusão social: algumas questões**”, *Análise Social*, 123-124, pp. 829-834.

BAENINGER, R.; PATARRA, N. L. **Migrações internacionais, globalização e blocos de integração econômica: Brasil no Mercosul**. In: CANALES, A. I. (Org.). *Panorama actual de las migraciones en America Latina*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2006, v.1, p. 117-138.

BECKER, Olga Schild. **Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos**. in: Castro, Iná Elias de et al., *Explorações geográficas. Percursos no fim do século*, Rio de Janeiro, Bertrand, 1997, p. 319-367

CARVALHO, J. A. M.; CAMPOS, M. B. **A variação do saldo migratório internacional do Brasil entre as duas últimas décadas: uma indicação de diminuição significativa do fluxo de emigrantes brasileiros**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n.57, p. 55-58, 2006.

CARVALHO, J. A. M. **O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 – uma tentativa de estimação**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 13, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 1996.

COGO, Denise. **Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs**. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 40, n. 1, p. 177-193, 2017

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DOS SANTOS, Theotonio. **Teoria da dependência – balanço e perspectivas**. Florianópolis: Insular; *Obras escolhidas*, Vol 1, pp. 44-49, 2015.

DURKHEIM, Émile (1989 [1983]), **A divisão do Trabalho Social**, Vol. I, Lisboa, Editorial Presença.

FERNANDES, Duval et al **Brazil and International Migration in the Twenty-first century: flows and policies**. Paris: IFRI, Center for Migrations and Citizenship, 2014.

FIRMEZA, George Torquato. **Brasileiros no exterior** / George Torquato Firmeza.- Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

FUSCO, Wilson – **Redes sociais na migração internacional: O caso de governador valadares, campinas**, dissertação de mestrado em sociologia, ifch, unicamp, 2000

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991, p. 69-70

IANNI, Octávio. **Globalização: novo paradigma das ciências sociais**. In: **Estudos avançados**, v8, nº21, 1994, 147-163

KETZER, Lisiane&Salvagni, Julice&Oltramari, Andrea &Boelhouver Menezes, Daiane. (2018). **Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras**. *Interações (Campo Grande)*. 19. 679. 10.20435/inter.v19i3.1673.

- LEE, Everet S. **Uma teoria sobre a migração**. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). Migrações internas: textos escolhidos. Fortaleza, BNB/ETENE, 1980. t.1
- LOOKWOOD, David (1964), “**Social integration and system integration**”, em G.K. Zoltschan e W. Hirsch (org.), Explorations in Social Change, Londres, Routledge, pp. 244-257
- MACHADO, F.L. **Contrastes e Continuidades — Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal**, Oeiras, Celta Editora, 2002.
- MARINUCCI, Roberto. **Feminização Das Migrações**. Revista REHMU, Brasília, v. 15, n. 29, 2007.
- MATOS, Sidney Tanaka S. **Conceitos primeiros de neoliberalismo**. In: Mediações, v.13, nº1-2, 2008. P. 192-213.
- MRE - Ministério das relações exteriores. (2020). **Brasileiros pelo mundo: estimativas populacionais**. Acessado em 25, julho, 2021, de <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>
- MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PEIXOTO, João. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas**. SOCIUS Working Papers, 11/04, 2004.
- _____. João. **Da era das migrações ao declínio das migrações? A transição para a mobilidade revisitada**. Dossiê: Enfoques e perspectivas sobre mobilidade humana, [Brasília], vol. 27, ex. 57, set.- dec. 2019.
- RAMOS, M. C. P. **Mobilidade Humana Internacional, Políticas Migratórias e Direitos Humanos: avanços e recuos**. Revista de Políticas Públicas, vol. 24, núm. 1, pp. 405-421, 202
- RAVESNTEIN, E. G. **As leis da migração**. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). Migrações internas: textos escolhidos. Fortaleza, BNB/ETENE, 1980
- SINGER, Paul I. **Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise**. Fortaleza: BNB, 1980, pp. 217 – 244.
- WIESELTIER, Leon. **Against Identity**. New York: William Drenttel, 1996.

6. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- **Por qual motivo decidiu sair do Brasil?**
- **Você sempre pensou em sair do Brasil?**
- **A Europa sempre foi a primeira escolha?**
- **A Alemanha sempre foi sua primeira opção?**
- **Qual motivo o levou a escolher a Alemanha?**
- **Qual é a sua situação na Alemanha nesse momento?**
- **Você contou algum apoio ao chegar na Alemanha? (financeiro, de trabalho, de estudo ou familiar ou mesmo apoio emocional)**
- **Atualmente você trabalha ou estuda?**
- **Em relação ao trabalho, qual o setor de atividade em que trabalhava antes de emigrar e qual setor de atividade atual?**
- **Como você classificaria sua experiência migratória na Alemanha?**
- **Quais direitos você goza na sua atual situação?**
- **O que você acha da política migratória na Alemanha?**
- **Qual é a nacionalidade das pessoas mais presentes em seus círculos sociais durante sua experiência migratória?**